

# PLANO DE AULA

---

## I. Identificação

**Autoras do Plano de Aula:** Isabela Fernanda de Oliveira Seidel (aluna de graduação, História/UnB) e Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva.

**Data de elaboração do plano:** 2/2023.

**Série/Ano:** Ensino Médio.

**Carga horária prevista:** 2 horas/aula.

## II. Tema/assunto/título da aula

**A Confederação dos Tamoios e a resistência indígena colonial na obra de Frei Vicente de Salvador.**

## III. Objetivos

### a) Geral:

Discutir as representações pejorativas dos indígenas e a resistência indígena dos Tupinambás contra a invasão portuguesa de seu território na obra de Frei Vicente de Salvador, produzida no século XVII.

### b) Específicos:

- 1) Discutir o que são fontes historiográficas e como analisá-las;
- 2) Compreender quem foi Frei Vicente de Salvador e qual a importância de sua obra para a compreensão do olhar europeu do século XVII sobre os indígenas brasileiros;
- 3) Compreender a “Confederação dos Tamoios” como um dos maiores movimentos de resistência indígena no Brasil;
- 4) Perceber que o conflito entre Tupinambás e portugueses teve como objetivo o controle, escravização e expulsão dos indígenas de suas terras;
- 5) Valorizar a cultura e história indígena.

## IV. Conteúdo

**Aula 1:** 1) Discutir o que é uma fonte historiográfica e como analisá-la; 2) Apresentação de Frei Vicente de Salvador e da obra “História do Brasil” como um produto de sua época; 3) O conflito Tupinambá contra os portugueses em 1564; 4) Representações pejorativas indígenas; 5) Resistências indígenas; 6) Valorização da cultura e história indígena.

## V. Pré-requisitos

É importante ter algum conhecimento sobre a colonização portuguesa no Brasil e sobre cultura e história indígena.

## VI. Metodologia e recursos didáticos

### Aula 01 e 02

A aula se iniciará com a explicação do que é uma fonte histórica e do porquê ela não deve ser vista como um retrato fiel do passado e que, além disso, deve ser lida de modo crítico pensando a autoria da fonte, suas condições de produção e os objetivos a que ela serve. Como a fonte a ser discutida nessa aula é uma narrativa colonial, escrita no século XVII por um religioso, e trata sobre os povos indígenas, é preciso debater com os/as estudantes como essas narrativas coloniais firmam representações depreciativas, que subalternizam os povos indígenas e que tendem a reafirmar a colonização.

Ao historicizar a fonte é possível contribuir para desnaturalizar esses sentidos pejorativos, muitas vezes reiterados pela historiografia e constitutivo de nosso imaginário social. Dessa forma, deve-se alertar aos/as estudantes que os estereótipos de desqualificação da cultura e história indígena presentes no documento analisado têm o objetivo de favorecer interesses políticos e econômicos da Igreja e da Coroa Portuguesa. O esforço é para não reiterar esses valores.

Dada a explicação inicial, será mencionada a existência de inúmeras revoltas indígenas no Brasil contra a colonização europeia, e que nem esses movimentos de resistência protagonizados pelos indígenas e tampouco as alianças estratégicas que faziam com os europeus, são discutidos em sala de aula. Na história do Brasil, os indígenas são apresentados como vítimas e passivos, sem quaisquer sinais de resistência ao controle e a exploração colonizadora. O silêncio e a falta de problematização nas escolas sobre a atuação e protagonismo indígena como sujeitos ativos nos processos históricos resultam em um permanente estado de desconhecimento, na manutenção de preconceitos, equívocos, desinformações, estereótipos e intolerância generalizadas em relação aos indígenas no Brasil.

Dentre as várias formas de resistência indígenas, essa aula tratará das grandes guerras indígenas travadas contra os europeus por meio da discussão do conflito Tupinambá contra os portugueses, ocorrido em 1564, a partir de trechos da fonte “História do Brasil: 1500-1627”, de Frei Vicente Salvador (Em Anexo).

Frei Vicente nasceu na Bahia, provavelmente em 1564, estudou em colégio Jesuíta e na Universidade de Coimbra, em Portugal, formando-se em direito Civil e doutorando-se em Teologia e direito Canônico. Após os estudos retornou ao Brasil e foi ordenado franciscano em 1591, ocupando o importante cargo de Vigário-Geral na hierarquia da Igreja. Retorna a Portugal em 1618, onde, provavelmente, conheceu Manuel Severim de Faria, historiador português que pediu para que o franciscano escrevesse uma obra que tratasse “das cousas do Brazil” para constar em sua biblioteca. Frei Vicente voltou diversas vezes ao Brasil em missões religiosas e morreu, provavelmente, em 1636. A data de seu falecimento é incerta. A obra “História do Brasil” foi concluída em 20 de dezembro de 1627 e considerada o primeiro documento historiográfico escrito sobre o Brasil.

A “História do Brasil” está dividida em 5 volumes e possui grande relevância histórica por se tratar do ponto de vista de um religioso e de um súdito da Coroa, sobre o modo de vida dos colonizados e das populações indígenas. Com essa preocupação, é possível compreender como as representações sobre os indígenas nessa fonte colonial são estereotipadas, moldadas a partir do olhar do colonizador e, portanto, pensadas com o objetivo de dar suporte a colonização: controle e exploração da mão de obra indígena, apropriação das riquezas, destruição da cultura e história indígena e evangelização.

A fonte conta a história ocorrida em 1564, no interior da Baía de Guanabara, quando indígenas Tupinambás atacaram uma esquadra portuguesa liderada por Estácio de Sá, colonizador português encarregado de colonizar a região na qual ficava seu território.

Preparando uma cilada e posicionados estrategicamente, 9 canoas indígenas cercaram 3 embarcações portuguesas quando estas foram recolher água no atual rio Carioca. 4 portugueses foram mortos e outros 7 ficaram feridos. Participaram dessa guerra contra os portugueses, milhares de guerreiros Tupinambás.

Diante dessa resistência, Estácio de Sá ordenou que, no dia seguinte, 2 caravelas fossem a São Vicente em busca de reforços. No momento em que os portugueses saíam da Baía de Guanabara, dezenas de canoas Tupinambás os cercaram e tentaram naufragar suas embarcações com golpes de machados. Um barco afundou, deixando 4 de seus tripulantes mortos, enquanto a segunda embarcação, apesar de danificada, conseguiu escapar.

Logo após essa batalha vencida pelos Tupinambás, Estácio de Sá conseguiu apoio da rainha portuguesa regente à época, Dona Catarina da Áustria, e recebeu 2 galeões armados que se juntaram a outras embarcações portuguesas para expulsar os Tupinambás que viviam na Baía de Guanabara.

Os Tupinambás, sabendo da presença lusitana e de que eles, rapidamente, necessitariam de água potável, posicionaram-se escondidos e prontos para o ataque onde, hoje, é o atual rio Carioca. Deste modo, quando 3 batéis portugueses foram discretamente buscar água, acabaram surpreendidos por 9 canoas Tupinambás. Foram cercados e os nativos dispararam uma enxurrada de flechas contra os portugueses. Vários portugueses foram mortos ou ficaram feridos.

Estácio de Sá, preocupado com a determinação dos nativos e em expulsá-los da região, ordenou que 2 embarcações partissem a São Vicente a fim de buscar reforços para combater os indígenas. Para surpresa dos portugueses, dezenas de canoas Tupinambás apareceram em cena para atacá-los. Armados com machados, começaram a golpear furiosamente uma das embarcações até que sua estrutura fosse comprometida e viesse a naufragar. Os nativos também golpearam a outra embarcação que, apesar de ter ficado em condições precárias, conseguiu safar-se da perseguição indígena.

Esses episódios foram uma vitória dos Tupinambás sobre os portugueses. No entanto, os lusitanos, apesar de serem derrotados nesse momento, foram buscar refúgio em São Vicente para reunir mais armas e homens. Por 9 meses, Estácio

de Sá permaneceu na Capitania de São Vicente, na expectativa de recrutar o maior número possível de combatentes. Por fim, em 1567, os portugueses venceram os Tupinambás e fundaram a cidade do Rio de Janeiro.

É importante discutir a participação dos Jesuítas nessa guerra violenta que derrotou e expulsou os Tupinambás de seu território. A participação do padre Manoel da Nóbrega e do padre José de Anchieta foi decisiva para a vitória lusitana. Foram eles quem intermediaram o “Tratado de Paz de Iperoig” que, na realidade, tornou-se um tratado de morte para os Tupinambás. O final da guerra foi desigual e violento. 3.000 indígenas sobreviventes desta campanha militar foram aprisionados e levados para algumas aldeias dirigidas pelos jesuítas, no Rio de Janeiro e na Bahia.

### **Questões a serem discutidas com o uso da narrativa de Frei Vicente:**

Problematizar o fato de Frei Vicente ser religioso e súdito da Coroa, ou seja, ter um ponto de vista eurocêntrico. Isto é importante para compreender as representações negativas, inferiorizantes e degradantes que ele faz dos indígenas e que contribuíram na exaltação da superioridade dos europeus e na legitimação das práticas de conquista e evangelização/colonização no Brasil.

Debater, a partir de trechos da fonte, os termos pejorativos que o Frei usa para se referir aos indígenas como, por exemplo, “bárbaros insolentes”, “que prendiam e matavam índios novos cristãos” e que “comiam quantos podiam alcançar”. Ou seja, o Frei se utiliza de valores cristãos e europeus, inclusive do artifício de que os Tupinambás seriam canibais, para justificar o extermínio e expulsão dos indígenas de suas terras.

Discutir que a Confederação dos Tamoios (1562-1567), nome dados pelos colonizadores, é equivocada. Os indígenas chamavam esses conflitos de Confederação dos Tamuya. O termo **Tamoio** ou **Tamuya**, na língua tupi, significa nativo, velho, do lugar. Era portanto, uma guerra dos antigos do lugar, isto é, dos donos da terra, contra os portugueses, os invasores e inimigos dos indígenas. Nessa perspectiva, o termo Tamoio, usado pelo Frei, acarreta na generalização das comunidades indígenas, pois refere-se, na verdade, aos anciãos das comunidades e não a uma comunidade.

Questionar a atuação da Igreja no extermínio indígena com a participação dos conhecidos religiosos Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, fundamentais na mediação do tratado de paz dos portugueses com os Tupinambás que ocasionou inúmeras mortes, aprisionamento e expulsão dos indígenas de suas terras.

Discutir que, na Confederação dos Tamuya, vários líderes Tupinambás se destacaram, principalmente Cunhambebe e Aimberê e muitos perderam a vida, a exemplo do próprio Cunhambebe.

O episódio do qual trata a fonte, ocorrido em 1564, faz parte da “Confederação dos Tamoios” e é considerado um dos mais importantes exemplos de resistência e luta indígena no Brasil para manter seu território e não pode ser esquecido. A violência colonizadora perpetrada pelos portugueses contra os indígenas também não pode cair na amnésia social. Enfim, estudar as condições de produção das

fontes coloniais elaboradas sobre as sociedades indígenas é romper com a universalização e naturalização das imagens pejorativas dos indígenas na História, tanto no passado quanto no presente.

## VII. Avaliação

Produzir um texto argumentativo de 10 linhas respondendo a seguinte questão: Como a exaltação da superioridade dos europeus e das práticas de conquista/evangelização no Brasil povoam nosso imaginário histórico sustentando práticas de violência contra os indígenas no presente.

## VIII. Bibliografia

BRIGOLINI, Vinícius. **Povos indígenas brasileiros**: quem eram, onde viviam e muito mais! 4 de março de 2022. Estratégias Militares. Disponível em: <<https://militares.estrategia.com/portal/materias-e-dicas/historia/povos-indigenas-brasileiros/#:~:text=Por%20meio%20deles%2C%20aconteceu%20o,de%20Janeiro%20e%20na%20Bahia>>. Acessado em: 20/06/2023.

CASÉ ANGATU, Carlos José Ferreira dos Santos. Histórias e culturas indígenas, alguns desafios no ensino e na aplicação da lei 11.645/2008: de qual cultura e história indígena estamos mesmo falando. **Revista História e Perspectivas**, Uberlândia (53): 179-209 jan/jun, 2015.

FREITAS, Daniel. Revolta Tupinambá contra os portugueses. **Impressões Rebeldes**, 2021. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/revolta/revolta-tupinamba-contra-portugueses/>>. Acesso em: 28/05/2023.

BEZERRA, Juliana. Colonização. **Significados**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/colonizacao/>>. Acesso em: 02/06/2023.

OLIVEIRA, Susane. Representações das sociedades indígenas nas fontes históricas coloniais: propostas para o ensino de história. **Revista Anos 90** (PPGHUFRGS). Dossiê: História Indígena na América, n. 34, 2011.

RODRIGUES, Hilana. Por que utilizar o termo indígena e não “índio?”. **Mercadizar.com**, 30 jul. 2021. Disponível em: <<https://mercadizar.com/noticias/por-que-utilizar-o-termo-indigena-e-nao-indio/>>. Acesso em: 02/06/2023.

## Anexo 1

SALVADOR, Frei Vicente. **História do Brasil: 1500-1627**. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Edusp, 1982, p. 49-51.

### CAPÍTULO DÉCIMO

#### **Do aperto, em que os Tamoios do Rio de Janeiro puseram à Capitania de S. Vicente, e o governador lhes mandou fazer segunda guerra**

Vendo-se os Tamoios já livres da guerra do governador Mem de Sá, se tornaram a fortificar no Rio de Janeiro, donde saíam a correr a costa toda até São Vicente, salteando os índios novos cristãos, prendendo, matando, e comendo a quantos podiam alcançar.

Durou esta moléstia dois anos, sem que força alguma pudesse reprimir o atrevimento dos bárbaros insolentes, que cada dia crescia com o favor, e ajuda dos franceses, com que já se não contentavam do mal que faziam aos outros índios, mas a todos os moradores de São Vicente ameaçavam com cruel guerra, e apresentavam uma armada de canoas para por mar, e por terra os combaterem.

Este mal tão grande quis remediar o padre Manuel da Nóbrega, primeiro provincial que havia sido da Ordem da Companhia de Jesus na província do Brasil, resolvendo-se a ir tentear os ânimos dos bárbaros para reduzi-los a condições de paz, ou dar a vida pela saúde comum.

Para isto tomou por seu companheiro o irmão José de Anchieta, e um Antônio Luiz, homem secular; com os quais se embarcou em uma nau de Francisco Adorno, ilustre genovês, homem naquela terra mui conhecido, rico, e devoto da Companhia.

Os bárbaros, a notícia da nau portuguesa, cuidando que ia de guerra, acudiram a suas canoas, e lhe saíram ao encontro carregadas de flechas; porém o irmão José de Anchieta com uma breve, e amorosa prática, que lhes fez na sua língua, os quietou, e fez benévolos a sua chegada, e depois com outras muitas, e principalmente com suas devotas orações, e exemplo, que deu de sua vida em três meses, que ficou só entre eles, e dois que esteve com o padre Nóbrega, que se tornou para São Vicente, os reduziu a desejada paz, exceto alguns, que discordes dos mais, e fiados nas armas dos franceses, continuaram a guerra contra os portugueses.

Estes sucessos previu a rainha d. Catarina quando leu a carta do governador Mem de Sá, em que lhe dava conta da vitória, que alcançara no Rio de Janeiro, e assim, ainda que lhe agradeceu, e se houve por bem servida dele, todavia lhe estranhou muito o haver arrasado o forte, e não deixar quem defendesse, e povoasse a terra, e lhe mandou, que logo o fizesse, porque não tornasse o inimigo a fazer ali assento com perigo de todo o Brasil; o mesmo lhe escreveu o cardeal d. Henrique, que com ela governava o reino, e para este efeito lhe mandaram pelo próprio seu sobrinho Estácio de Sá, que levou a nova, uma

armada de seis caravelas com o galeão S. João, e uma nau da carreira da Índia chamada Santa Maria, a Nova, a que ajuntou o governador os mais navios que pôde, e quisera ir em pessoa; mas por o povo lho não consentir mandou o dito seu sobrinho, no ano de mil quinhentos sessenta e três, a quem acompanhou o ouvidor-geral Braz Fragoso, e Paulo Dias Adorno, comendador de Santiago, em uma galeota sua, que remava dez remos por banda, e outros capitães, os quais chegando todos ao Rio de Janeiro acharam uma nau francesa, que lhe quis fugir pelo rio acima, mas os nossos lhe foram no alcance, e a primeira que lhe chegou foi a galé de Paulo Dias Adorno, em que também ia Duarte Martins Mourão, e Melchior de Azeredo, depois chegou Braz Fragoso, e outros, os quais entrando na nau, acharam muito pão, vinho, e carne, e assim a levaram para baixo onde ficava a Capitânia Santa Maria, a Nova, e o galeão, e o capitão-mor Estácio de Sá fez capitão dela a Antônio da Costa; mas como não há gosto nesta vida, que não seja aguado, indo uma madrugada três batéis nossos tomar água à ribeira da Carioca, deram com nove canoas de índios inimigos, que estavam aguardando em cilada, os quais repartindo-se três e três a cada batel, mataram no da capitânia o contramestre, o guardião, e outros dois marinheiros, e no do galeão feriram a Cristóvão d'Aguiar, o moço, com sete flechadas, e outros sete homens, e o levavam, mas Paulo Dias Adorno lhe acudiu à pressa na sua galé, e chegando a tiro mandou pôr fogo a um falcão, que os fez largar o batel.

Enterrados os mortos em uma ilha, chamou Estácio de Sá os capitães a conselho, e assentaram, que se fosse a S. Vicente buscar canoas, e gentio doméstico, e amigo, com que melhor se poderia fazer guerra àquele bárbaro inimigo.

Saíram uma madrugada, e a nau francesa, que haviam tomado, diante de todas as outras com um caravelão de Domingos Fernandes, dos Ilhéus, acharam na barra muitas canoas de inimigos índios, e franceses misturados, que chegando ao caravelão o furaram com machados, e o meteram no fundo, matando-lhe quatro homens, e ferindo a Domingos Fernandes de seis flechadas, com que se foi a nado para a nau, a qual também chegaram, e lhe fizeram um buraco; mas um índio da Índia de Praz Fragoso, que ali ia com seu senhor, se foi abaixo da coberta, e pelo mesmo buraco matou um francês, com o que eles, ou com o temor da armada, que vinha atrás, se foram embora, e a nau também, seguindo seu caminho para São Vicente, onde contaram ao capitão-mor, e aos mais o que lhes havia sucedido.

Neste tempo estava a povoação de São Paulo, que é da capitania de São Vicente, de guerra com o gentio, que a tinha posta em grande aperto, ao que acudiu Estácio de Sá com muita gente da que consigo levava, a cuja vista o gentio lhe veio logo pedir pazes, e ele lhas concedeu, e ficaram fixas.

Entretanto chegaram os capitães Jorge Ferreira, e Paulo Dias, com as canoas, e gentio, que tanto que chegou mandou buscar a Cananéia, e provida a armada de todo o necessário se partiu outra vez para o Rio de Janeiro no ano de mil quinhentos sessenta e quatro, dia de São Sebastião, a quem tomou por patrão da sua jornada, entrou pelo Rio em primeiro de março, e ancorando na enseada, saltaram em terra, e feitos tujupares, que são umas tendas ou choupanas de palha, para morarem, onde agora chamam a Cidade Velha, ao pé de um penedo, que se vai às nuvens, chamado o Pão de Açúcar, se fortificaram com baluarte, e trincheiras de madeira, e terra, o melhor que puderam, donde saíam a fazer

guerra aos bárbaros, ajudando-os Deus por espaço de dois anos que ali estiveram, de modo que em encontros quase sempre saíam vitoriosos, e os feridos de mortais feridas das flechas inimigas brevemente saravam: outros feridos nos peitos nus com pelouros dos arcabuzes franceses, não sentiam mais o golpe que se estiveram armados de peitos de prova, e aos pés lhes caíam os pelouros.

Cansados já os Tamoios de tão prolixa guerra, e enfados de ruins sucessos, porque ordinariamente nos encontros saíam escalavrados, determinaram lançar o resto de seu poder, e de sua ventura em uma batalha industriados pelos franceses, e sem dúvida a coisa ia traçada para conseguirem seu intento. Porém a Divina Providência se acostou à parte mais justificada.

Haviam os Tamoios ajuntado ao número ordinário de suas canoas outras novas, que chegaram a cento e oitenta, fabricadas secretamente longe do posto donde estavam os navios dos portugueses.

Toda esta armada de canoas puseram em cilada, escondida em uma volta que fazia o mar, daqui saiu um pequeno número delas, contra as quais mandou o general cinco das nove que trouxe de S. Vicente, porque os índios amigos, enfadados da guerra, se haviam já ido com as quatro.

Os Tamoios, não ainda bem começada a batalha, viraram as costas, que assim o haviam traçado, e meteram os nossos, que atrevidamente os iam seguindo na cilada, donde saíram as mais canoas inimigas, e subitamente as cercaram por todas as partes; mas nem por isso perderam o ânimo os portugueses, antes resistiram valorosamente ajudados do Divino favor, o qual ainda das coisas que parecem adversas sabe tirar prósperos sucessos, como aqui se viu que acaso ascendendo-se a pólvora em uma das nossas canoas chamuscou a alguns dos inimigos, que a tinham abordada, com o que, e com a chama que levantou a pólvora se alterou tanto a mulher do general, Tamoia, que dando gritos e vozes espantosas atemorizou a todos, e sendo seu marido o primeiro que fugiu com ela, os seguiram os mais, deixando livres os nossos, os quais tornando às suas fronteiras deram graças a Deus por tão grande benefício, e por os haver livres de perigo tão grande pela voz e assombro de uma fraca mulher, ainda que depois declararam os mesmos inimigos que não fora por isto, senão por haverem visto um combatente estranho, de notável postura, e beleza, que saltando atrevidamente nas suas canoas os enchera de medo; donde creram os portugueses que era o bem aventurado S. Sebastião, a quem haviam tomado por padroeiro desta guerra.